

RAÍZES DO BRASIL – SOBRADOS E MUCAMBOS: UM DIÁLOGO

Elide Rugai BASTOS¹

- RESUMO: O texto procura mostrar alguns pontos do diálogo entre Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, tendo como centro os livros dos autores publicados em 1936 – *Raízes do Brasil* e *Sobrados e mucambos*.
- PALAVRAS-CHAVE: Sergio Buarque de Holanda. Gilberto Freyre. Pensamento brasileiro. Patriarcalismo. Patrimonialismo.

Não se trata de coincidência serem os três clássicos da interpretação do Brasil publicados na década de 1930 trabalhos que reivindicam uma explicação fundada na história. Refiro-me a *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Júnior, de 1933, *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regimen de economia patriarcal*, também de 1933, seguida de *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcalismo rural no Brasil*, de 1936, que se constituem nos dois primeiros volumes da *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil* de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* de Sergio Buarque de Holanda, também de 1936. Evaldo Cabral de Mello lembra que esses autores representam um rompimento com uma “sociologia da formação brasileira” que constitui “[...] antes um esforço de introspecção coletiva do que de análise científica.” (MELLO, 1995, p. 191). Antonio Candido (1995) aponta o impacto provocado por esses textos e sua influência sobre sua geração, pelo volume de informações que traziam, pela força narrativa de cada um deles, pelas novas orientações teóricas, pela nova abordagem temática.

¹ Departamento de Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas – 13081-970 – Campinas-SP E-mail: eliderugai@uol.com.br.

Nos três livros, a recuperação do passado opera como elemento de explicação do presente, de seus traços e de seus impasses. Mas em cada um a versão do passado é diferente porque, entre várias outras razões, é diversa a visão sobre o lugar da tradição na explicação do país. Assim, a mobilização da história além de fundar explicação das características da sociedade brasileira, porque associada à sociologia, assume função política e define o modo pelo qual a utilizam não só como forma de desvendamento da realidade mas como proposições para alterá-la².

Em Caio Prado Júnior (1933) essa nova posição face à história permite um deslocamento da ênfase, comum às análises anteriores, sobre os agentes sociais. Abre espaço a que efetue um balanço sobre a potencialidade política desses agentes, apresente uma específica visão de processo, tenha uma ótica diferenciada sobre o atraso do país, além de uma nova percepção a respeito das heranças colonial e escravista sobre a estrutura da sociedade e a ação dos diferentes atores sociais.

Em Gilberto Freyre (1936, 1959, 1968) a tese do tempo tríplice – relação entre passado, presente e futuro –, de inspiração orteguiana, e a visão da importância do intra-histórico na constituição da sociedade, calcada nas ideias de Unamuno, operam tanto na direção de mostrar o descompasso existente entre as diferentes regiões do país, como a presença e a força de certos atores sociais que atravessam as diferentes ordens do tempo, dando organicidade à sociedade brasileira. Mais ainda, servem como instrumento para que estabeleça uma específica visão sobre a articulação entre os elementos tradicionais e modernos na formação brasileira. O prefácio à primeira edição de *Casa-grande & senzala* mostra o caminho que tomará sua reflexão, não apenas nesse livro, mas nos posteriores: *Sobrados e mucambos*, *Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*, *Ordem e progresso* (FREYRE, 1933, 1936, 1937, 1959).

A visão de história de Sergio Buarque de Holanda (1936) permite que se recupere as formas de sociabilidade que têm suas raízes no passado, indagando como as mesmas operam no presente. Não se trata de reconstruir os acontecimentos e processos de formação da sociedade brasileira, mas compreender a presença das

[...] formas de vida social, de instituições e de mentalidades, nascidas no passado, mas que ainda faziam parte da identidade nacional que

² Bresser Pereira lembra esse traço presente na bibliografia dedicada à interpretação do país: “A produção intelectual e o desenvolvimento da formação social brasileira são naturalmente dois fenômenos profundamente interligados. Os intelectuais tentam analisar (e orientar) a sociedade, a qual, por sua vez, os condiciona. E este condicionamento reflete de um lado o imperativo da própria realidade em mudança, de outro os comprometimentos de classe e as opções ideológicas.” (PEREIRA, 1982, p. 269).

acreditava estar em vias de ser superada [Em outros termos] qual passado estava então para ser superado e qual futuro embrionário aquele presente histórico continha [...]. (SALLUM JÚNIOR, 1999, p. 338).

A reflexão dos três autores está inserida no quadro das alterações políticas ocorridas em 1930, onde o debate sobre a formação nacional faz parte do cenário de centralização administrativa que altera o lugar dos grupos de poder local e regional. Isso distingue o caráter político de suas explicações e funda o diálogo estabelecido entre suas obras³.

Nesse quadro, Sergio Buarque de Holanda (1936), apontando a relação existente entre as transformações políticas e o novo perfil assumido pela sociedade, reflete sobre as características da mentalidade que sustenta tradicionalmente as formas de vida e as instituições nacionais. É essa mentalidade que, naquele momento, está sendo – ou deveria ser, face às mudanças – superada. Seu diagnóstico direciona-se à compreensão dos caminhos dessas alterações, dos entraves e do alcance possível da superação almejada. É um texto aberto a várias soluções e este é um dos aspectos mais ricos de *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936)⁴.

As raízes de um debate

Raízes do Brasil (HOLANDA, 1936) e *Sobrados e mucambos* (FREYRE, 1936) são publicados no mesmo ano: 1936. *Raízes do Brasil* aparece como primeiro volume da Coleção Documentos Brasileiros da Editora José Olympio, dirigida por Gilberto Freyre. É deste a apresentação da coleção e do livro, a qual aparece apenas na primeira edição sendo eliminada nas edições posteriores.

Ponto importante para definição do contraponto das teses dos dois autores é o fato de ambos reformularem o texto para a segunda edição, aparecendo, nessa reformulação, o diálogo empreendido, além de acentuar a diferença entre suas teses. A segunda edição refundida de *Raízes do Brasil* é de 1948. A segunda edição ampliada de *Sobrados e mucambos* é de 1951, na qual a Introdução, texto importante para o esclarecimento das teses de Gilberto Freyre, apresenta-se datada em 1949. Há, ainda, uma revisão de 1961.

³ A aproximação da temática de Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda, bem como os pontos de divergência entre os mesmos em relação à formação da nação é objeto da análise de Gabriela Nunes Ferreira (1996).

⁴ Angela de Castro Gomes chama atenção para esse aspecto: “Uma das razões que torna *Raízes do Brasil* um texto particularmente estimulante é o fato de não ser um texto fechado. Ou seja, toda a análise do autor desemboca numa espécie de dilema muito nítido para o qual não há solução acabada.” (GOMES, 1988, p. 36).

Se a segunda edição de *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1948) dialoga com a primeira de *Sobrados e mucambos* (FREYRE, 1936), a introdução de 1949 (FREYRE, 1951) busca responder às críticas formuladas por Sergio Buarque de Holanda. Este, em artigos posteriores – “Sociedade Patriarcal”, “Formação da Sociologia” e “Panlusismo”⁵ –, reflete criticamente sobre aquela introdução. Gilberto Freyre retoma alguns pontos dessa crítica, acentuando seu ponto de vista, na “Nota metodológica” que faz parte dos ensaios introdutórios de *Ordem e progresso*⁶. Indicarei alguns dos pontos em que se funda esse debate, quase sempre nominado em Sergio Buarque de Holanda, porém quase nunca em Gilberto Freyre.

Primeiramente, numa rejeição à explicação culturalista de Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda argumenta ser essa base explicativa insuficiente para dar conta da formação nacional. A concepção freyriana funda-se na articulação de três elementos: o patriarcado, a interpenetração de etnias e culturas e o trópico. Freyre (1968) afirma várias vezes o peso idêntico dos três elementos em sua explicação⁷. Em comentário à segunda edição de *Sobrados e mucambos* (FREYRE, 1951), Sergio Buarque de Holanda mostra que, malgrado a intenção do autor, o centro da argumentação está no patriarcado, levando a que, necessariamente, passe para o plano político:

Gilberto Freyre volta a um tema que, desde 1933, pelo menos, vem acompanhando de perto seus estudos históricos e sociais: o da formação do Brasil em torno do regime de economia patriarcal. Essa unidade estaria sujeita a um mesmo denominador comum [...]. (HOLANDA, 1979, p. 102).

Nesse artigo aponta que, no conjunto de seus trabalhos voltados à compreensão da formação nacional, Gilberto Freyre pretende que as interpretações fundadas na sociedade nordestina tenham validade para todo o país, exatamente porque a família patriarcal constituir-se-ia na unidade orgânica fundamental da formação da sociedade brasileira.

A observação, de caráter metodológico⁸, está direcionada ao ponto central da argumentação freyriana na nova “Introdução”, em que Freyre

⁵ Os artigos de Sergio Buarque de Holanda publicados no momento da segunda edição do livro são reunidos posteriormente. O primeiro republicado em *Cobra de vidro* (HOLANDA, 1978) e os dois outros em *Tentativas de mitologia* (HOLANDA, 1979).

⁶ Especialmente na “Nota metodológica” (FREYRE, 1959, p. xxiii-xlvi).

⁷ “Uma teoria sociológica derivada de uma análise social: seu ‘como’ e seu ‘porque’.” (FREYRE, 1968, p. 145 et seq.).

⁸ Pedro Meira Monteiro lembra que essa crítica “[...] somente se deixa compreender se tivermos em mente a data da resenha de *Sobrados e mucambos*: 1951, ano da publicação da segunda edição. Em 1951, não é mais apenas o autor de *Raízes do Brasil* que faz uma crítica a Gilberto Freyre. É também o autor de *Monções* e da maior parte das monografias que viriam a compor um livro de 1957: *Caminhos e fronteiras*. Portanto, é já um historiador preocupado com os rumos da investigação histórica no Brasil.” (MONTEIRO, 2000, p. 157).

(1951), respondendo a críticas à afirmação de ser a família patriarcal o elemento de unidade da sociedade brasileira, tese já explicitada no prefácio à primeira edição de *Casa-grande & senzala*, acentua a maior importância da **forma** sociológica dos acontecimentos e dos fatos sobre o **conteúdo** ou **substância** dos mesmos⁹. Isto é, a acentuação da forma como estratégia analítica, serviria para conciliar entre si as mais ásperas substâncias.

Sergio Buarque de Holanda lembra que as noções **forma e conteúdo**, de origem simmeliana, neste autor têm sentido metafórico, servindo como instrumentos de exposição, distinção, confronto e análise, tendo sua força analítica assentada na própria indefinição. Em Gilberto Freyre teriam outro emprego, servindo de base a julgamentos de valor.

Assim, é que, nos seus escritos, as 'formas' sociais se mudam com facilidade, ora em entidades reais, à maneira dos organismos biológicos – e então se confundem praticamente com os 'processos' sociais, capazes de crescimento, maturação e morte – ora em 'idéias' de sabor hegeliano – idéias de onde não emanar misteriosamente os próprios 'objetos materiais' [...].

É bastante significativo que, apesar do seu insistente empenho de emancipar a 'forma' social da 'substância' ou do 'conteúdo', Gilberto Freyre raramente consegue desunir estes elementos quando se trata de distinguir, entre esta e aquela área de povoamento e ocupação do solo, as que lhe parecem expressões mais adultas ou completas. (HOLANDA, 1979, p. 106-107).

Não se trata de crítica exclusivamente metodológica, pois se direciona aos fundamentos teóricos da análise. Vejamos. Descrevendo a presença das reminiscências patriarcais nas várias regiões do país, Gilberto Freyre afirma:

Por onde se vê que o familismo ou o personalismo decorrente do sistema patriarcal inundou, no Brasil, espaços imensos [...] Com ou sem favor do Estado ou da Igreja – com os quais entrou mais de uma vez em conflito – esse sistema foi a mais constante e a mais generalizada predominância de poder ou de influência [...] em nossa formação [...] Diferenças de intensidade, mas não de qualidade de influência [...] Diferenças de conteúdo mas não de forma de domínio social [...] A nós, parece, hoje, evidente – depois de estudos já longos da formação brasileira – que o

⁹ Em vários momentos desse texto Gilberto Freyre retoma o tema. Vale assinalar a crítica feita a seus críticos. Contrapondo-se a observações de Wilson Martins diz que o autor "[...] parece-nos que resvala, tanto quanto os já mestres ilustres que são os Professores F. Braudel, Sérgio Milliet e Donald Pierson, no erro de confundir a forma sociológica com o conteúdo etnográfico, etnológico, étnico, econômico ou geográfico." (FREYRE, 1981, p. lxxxiii).

Brasil teve no complexo ou sistema patriarcal, ou tutelar, de família, de economia, de organização social, na forma patriarcal de habitação [...] seu principal elemento sociológico de unidade. (FREYRE, 1981, p. lxxiv-lxxvi).

Para o autor, o patriarcalismo não só atravessa as regiões como os diferentes tempos:

A Família, sob a forma patriarcal, ou tutelar, tem sido no Brasil, uma dessas 'grandes forças permanentes'. Em torno dela é que os principais acontecimentos brasileiros giraram durante quatro séculos [...] Tudo indica que a família entre nós não deixará completamente de ser a influência se não criadora, conservadora e disseminadora de valores, que foi na sua fase patriarcal. O personalismo do brasileiro vem de sua formação patriarcal, ao mesmo tempo que cristã [...]; e dificilmente desaparecerá de qualquer de nós. (FREYRE, 1981, p. xc).

Note-se que para Gilberto Freyre esse traço é responsável pela unidade nacional e pela permanência de formas sociais que garantem a organicidade da sociedade. A direção da argumentação vai, claramente, em confronto à formulação de *Raízes*, que aponta para a fraqueza de nossa organização social, fragilidade que tem sua raiz no personalismo, de origem ibérica. A própria utilização do termo personalismo no texto citado, antes não utilizada com caráter explicativo por Gilberto Freyre, tem a ver com o debate não explicitado com Sergio Buarque de Holanda.

É dela (da cultura da personalidade) que resulta a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida. [...] A falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta à tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra nossa desordem. (HOLANDA, 1956, p. 17-18).

Aqui a crítica vai em direção a Gilberto Freyre, que desde seus artigos de jornais escritos na década de 1920, pontos retomados no Manifesto Regionalista, vinha defendendo a necessidade de "reabilitar valores e tradições do Nordeste"¹⁰ preservando aquilo que os garantia – os traços familistas marcantes na organização da sociedade nordestina – processo

¹⁰ É interessante assinalar uma passagem do Manifesto onde os valores patriarcais de organização social aparecem na definição do papel das mulheres no seio da família e da sociedade, estas responsáveis pela manutenção desses valores que garantiriam a organicidade social: "As novas gerações de moças

que ancoraria a unidade e a organicidade da sociedade brasileira. Lembro que o texto citado é de *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936) e, portanto, anterior à crítica feita pelo autor à “Introdução” da segunda edição de *Sobrados e mucambos* (FREYRE, 1951).

Voltando à argumentação freyriana sobre as diferenças entre **forma** e **conteúdo** dos fatos e acontecimentos, Sergio Buarque de Holanda questiona a oposição não só como ponto de partida analítico, mas aponta para o fato da postura impedir a visualização das conseqüências políticas da situação. Gilberto Freyre

[...] pretende que suas interpretações sejam perfeitamente válidas para o Brasil inteiro. E busca explicar as objeções opostas por aqueles que não logram distinguir o caráter transregional de suas pesquisas, sugerindo que tais críticos se orientam obstinadamente para o conteúdo e a substância, não para a forma sociológica dos acontecimentos e dos fatos. É esta forma que serve, em suma, para conciliar entre si as mais ásperas contradições, emprestando ao todo uma harmonia e mesmo uma ‘unidade’ verdadeiramente soberanas. Nos seus livros é provável que ela apareça muito manchada de massapé negro, muito lambuzada de mel de tanque para não transviar às vezes algum espírito desprevenido, mas tudo isso é de pouca conta quando se trata de distinguir o essencial através das aparências mais ou menos precárias. (HOLANDA, 1979, p. 103).

Sendo anterior, a argumentação é semelhante à de E. P. Thompson, em texto de 1978, que mostra como a forma patriarcalismo pode aplicar-se a realidades as mais diversas: à *gran gentry* inglesa, aos donos de escravos no Brasil ou na Virgínia, ao patrício da *campagna* romana, aos proprietários de terras descritos por Gogol. Isto é, considera o termo amplo demais para ser aplicado em uma análise discriminatória, dizendo muito pouco sobre a natureza do poder, sobre as formas de propriedade, sobre a ideologia e a cultura, e demasiado impreciso para permitir a distinção entre os modos de exploração, entre a mão de obra servil e a livre (THOMPSON, 1978). Em outras palavras, o autor inglês aproxima-se da reflexão de Sergio Buarque de Holanda (1979) que enfatiza a importância antes do conteúdo social do que das formas sociológicas dos fenômenos,

já não sabem, entre nós, a não ser entre a gente mais modesta, fazer um doce ou guisado tradicional e regional. Já não têm gosto nem tempo para ler os velhos livros de receitas de família. Quando a verdade é que, depois dos livros de missa, são os livros de receitas de doces e guisados os que devem receber das mulheres leitura mais atenta. O senso de devoção e o de obrigação devem completar-se nas mulheres do Brasil, tornando-as boas cristãs e, ao mesmo tempo, boas quituteiras, para assim criarem melhor os filhos e concorrerem para a felicidade nacional. Não há povo feliz quando às suas mulheres falta a arte culinária. É uma falta quase tão grave como a da fé religiosa.” (FREYRE, 1967, p. 60).

exatamente porque se desloca de uma análise puramente cultural para o plano político.

O rural e o urbano: o privado e o público

Já em *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936) o autor acentua o caráter diferenciado, isto é, o efeito diverso da mesma forma social na medida em que se aplica ao mundo rural ou ao urbano. Enquanto Gilberto Freyre mostra o modo pelo qual o desenvolvimento urbano leva o patriarcado a, simultaneamente, conhecer sua decadência e conseguir manter parte significativa de seus valores sociais e culturais, Sergio Buarque de Holanda afirma que no processo de urbanização o modo de constituição da família patriarcal acarreta um desequilíbrio social impeditivo da realização dos princípios inerentes à cidade, cujos resultados permanecem vivos até aquele momento. A “entrada” na questão é totalmente diferente para um e outro, o que resultará em tratamento diverso, em cada um dos autores, da relação público-privado.

Diferentemente de Freyre (1936), o eixo principal da argumentação de Buarque de Holanda (1936) se encontra na discussão sobre o patrimonialismo, ou melhor, assentado no par conceitual patrimonialismo e burocracia, como aponta Antonio Candido (1995) em sua introdução ao texto. Assim, Sergio Buarque de Holanda afirma, ao mostrar as conseqüências da urbanização que se processa num quadro marcado por uma formação social de caráter patriarcal:

Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente [o ambiente patriarcal], compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público. Assim, eles se caracterizam justamente pelo que separa o funcionário ‘patrimonial’ do puro burocrata, conforme a definição de Max Weber. Para o funcionário ‘patrimonial’, a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles auferem, relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos, como sucede no verdadeiro Estado burocrático, em que prevalecem a especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos. (HOLANDA, 1956, p. 207-208).

É certo que tanto *Sobrados e mucambos* (FREYRE, 1936) como *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936) têm como tema a urbanização, mais precisamente, os dilemas trazidos pela urbanização¹¹. Ambos apontam

¹¹ Sobre o tema ver Araújo (2000).

para as características diferenciadas da sociedade rural e da urbana, mostrando como a estrutura do mundo agrário permanece na nova organização modificando o caráter da cidade. Para Gilberto Freyre, o desenvolvimento urbano ao mesmo tempo figura e aprofunda a decadência do patriarcado. A cidade põe a nu a perda de poder do patriarcalismo familista quebrando-lhe a espinha dorsal. Na introdução à segunda edição, referindo-se a texto a ser posteriormente escrito, diz:

Não é sem razão que a gente antiga do Recife chamava ao beco que ia do centro da cidade ao Cemitério de Santo Amaro de 'Quebra Roço'. 'Roço' é brasileiro que quer dizer [...] 'presunção vaidade, orgulho'. E é como o tempo – e através do tempo, a dissolução das instituições, e não apenas a dos indivíduos – age sobre as casas e os túmulos [...]: quebrando-lhes o roço. O roço do que o patriarcado no Brasil teve de mais ostensivo, isto é, a sua arquitetura característica [...] com que as famílias patriarcais ou tutelares pretenderam firmar seu domínio não só no espaço como no tempo – vem sendo quebrado à vista de toda a gente. (FREYRE, 1981, p. lxii)¹².

Mas a decadência não significou a desaparecimento desse poder pois a organização da sociedade em bases novas não prescindiu de sobrevivências patriarcais. Para Gilberto Freyre essa acomodação significa a continuidade da ordem que caracteriza a sociedade brasileira, “[...] isto é, da ordem já burguesa mas ainda patriarcal, que constituía a segurança da sociedade brasileira.” (FREYRE, 1981, p. lxx).

No entanto, o que paulatinamente vai desaparecendo é a variedade de tipos e formas sociais que marcava a sociedade colonial, resultado do processo de civilização homogeneizador operado pelo Estado imperial preocupado com a manutenção da ordem assentada em bases novas: uma ordem impessoal. Rompe-se, assim, a aliança Estado/patriarcado, precipitando a decadência da experiência patriarcal fundada nas relações pessoais. Interrompe-se, com isso, o equilíbrio de antagonismos marca da sociedade colonial e abre-se espaço para conflitos que se explicitam tanto no espaço privado quanto no público.

O caminho interpretativo de Sergio Buarque de Holanda é outro. Aponta para as tensões entre as formas de sociabilidade que têm como eixo a família patriarcal e aquelas características do mundo moderno, que seriam a marca da cidade. Em outros termos, a modernização das formas de sociabilidade não ocorre, tornando-se obstáculo à configuração de uma esfera pública independente no Brasil.

¹² O livro anunciado é *Jazigos e covas rasas*, que se constituiria no quarto volume da *Introdução ao estudo da sociedade patriarcal no Brasil*. O texto não chegou a ser terminado, conhecendo-se somente fragmentos do mesmo.

Embora a velha lavoura perca sua supremacia, ao mesmo tempo em que crescem os centros urbanos, a estrutura social simplificada, com a ausência de uma burguesia urbana consistente, permite que os novos espaços repliquem as mesmas personagens sociais. Assim, as novas profissões e a administração serão exercidas pelos senhores de engenho e seus descendentes. O processo tem como conseqüência a transferência para o urbano da mentalidade e do modo de organização imperantes nos domínios rurais. O personalismo persiste afetando até mesmo os projetos reformistas.

Eram dois mundos distintos que se hostilizavam com rancor crescente, duas mentalidades que se opunham como ao racional se opõe o tradicional, ao abstrato o corpóreo e o sensível, o citadino e cosmopolita ao regional ou paroquial. A presença de tais conflitos já parece denunciar a imaturidade do Brasil escravocrata para transformações que lhe alterassem profundamente a fisionomia [...] Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intactos e, apesar de tudo, poderosos, os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas [...].

De certo modo, o malôgro comercial de um Mauá também é indício eloqüente da radical incompatibilidade entre as formas de vida copiadas de nações socialmente mais avançadas de um lado, e o patriarcalismo e personalismo fixados entre nós por uma tradição de origens seculares. (HOLANDA, 1956, p. 96-97).

Mostra como o personalismo e o patrimonialismo colocam-se como obstáculos à transição de uma sociedade de traços rurais a uma sociedade marcada pela racionalidade, impedindo a predominância da impessoalidade marcando as relações, da hierarquização das funções, da definição das competências para o desempenho profissional. Aponta como esse quadro resulta na impossibilidade de existência de associações políticas e sociais fundadas em solidariedades livremente pactuadas.

Ou ainda, indica a outra face do culto à personalidade: o fato do mando e da obediência andarem juntos como resultado de um quadro de relações eminentemente pessoais, exigindo formas externas de ordenação e disciplina. Aliás, é o tema de uma das passagens mais conhecidas do livro: “Em terra em que todos são barões, não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida [...]” (HOLANDA, 1956, p. 18).

Em outros termos, Sergio Buarque de Holanda preocupa-se com as conseqüências do predomínio do patriarcalismo na configuração das instituições modernas na sociedade brasileira. A dominância do patriarcalismo permeando todas as relações sociais impede que o indivíduo possa distinguir entre o domínio privado e o público, resultante já apontada anteriormente quando nos referimos à sua discussão sobre o funcionário patrimonial. Isto é, mostra como os particularismos submetem o Estado e os interesses gerais. Estes traços, pensados na conjuntura da década de 1930, seriam os principais obstáculos à renovação da sociedade brasileira.

Sem a pretensão de desenvolver o tema, creio ser possível afirmar que existe uma diferença fundamental entre Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda no que respeita às relações Estado/Sociedade. O primeiro vê uma continuidade entre os dois, isto é, o Estado seria resultado da ampliação do círculo familiar, preocupando-se o autor em demonstrar a plasticidade de setores do patriarcado que foram capazes de lutar por certas medidas que pareciam ir contra seus próprios interesses. Em *Sobrados e mucambos* (FREYRE, 1936), principalmente no capítulo “O engenho e a praça: a casa e a rua”, há a retomada da tese dos antagonismos em equilíbrio, ponto central de *Casa-grande & senzala* (FREYRE, 1933), em outra chave. Tomando as transformações sofridas pela sociedade e as adaptações necessárias no plano da sociabilidade – modificações que não lhe alteram o sentido – Gilberto Freyre busca mostrar a continuidade lograda, o que permitiria um reequilíbrio das relações sociais.

Seria entretanto tolice, e das maiores, reduzir o assunto a debate colegial, tipo ‘Roma ou Cartago’? E negar a ação criadora de homens de engenho e de fazenda em nossa vida política e administrativa e até na literária. Ação não só no sentido chamado conservador [...] como também no sentido liberal e no revolucionário, havendo, neste caso, maior risco físico de aventura para o senhor de engenho que para homens de cidade marítima. (FREYRE, 1981, p. 52)¹³.

Sergio Buarque de Holanda, numa perspectiva oposta, considera a existência de uma oposição entre as duas ordens, recusando as possibilidades de gradação entre elas.

O Estado, ao contrário do que presumem alguns teóricos, não constitui uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família

é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição [...] pertencem a ordens diferentes em essência. Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade. (HOLANDA, 1956, p. 199).

Ainda algumas oposições

Neste texto bastante limitado, indico ainda, só a título de registro e sem discuti-los, alguns pontos em que os autores focalizados se opõem. Pode-se perceber que se constituem em desdobramentos das oposições anteriormente referidas. É o caso do pioneirismo de aplicação, no Brasil, do método histórico cultural.

A) O método histórico cultural

O assunto é suscitado pelo livro de Almir de Andrade, *Formação da sociologia brasileira I: os primeiros estudos sociais no Brasil*, publicado em 1941, onde indica ser Gilberto Freyre o introdutor do método histórico cultural no estudo da sociologia brasileira, afirmação já feita no texto de 1939, *Aspectos da cultura brasileira* (ANDRADE, 1939, 1941). Sergio Buarque de Holanda, numa resenha crítica ao livro, afirma ter o autor se limitado a descrever elementos já explorados por outros textos, repetindo afirmações feitas sem critério e não baseadas em pesquisas documentais.

Não é raro que [o autor], sem receio de suscitar mal-entendidos, procure atribuir um significado novo e imprevisto a expressões correntes e universalmente usadas pelos cientistas. Assim, por exemplo, quando nos anuncia que Gilberto Freyre inaugurou a aplicação do método histórico-cultural à análise crítica da formação social brasileira, fica-se a procurar o que possa existir de comum entre os processos de análise do sociólogo pernambucano e o que se entendeu até aqui por ‘método histórico-cultural’. A menos que Almir de Andrade ignorasse cabalmente o que seja tal método – coisa inadmissível em quem se pronuncia a respeito com tanta desenvoltura – não há dúvida que quis dar-lhe um sentido especial. (HOLANDA, 1978, p. 46).

A discussão de Sergio Buarque de Holanda sobre o método usado por Gilberto Freyre fica por aqui mostrando que não aceita a aplicação para

¹³ Em *Ordem e progresso* (FREYRE, 1959) o autor vai retomar e aprofundar o tema.

o mesmo do qualificativo “método histórico-cultural”. O tema fica claro quando critica o impressionismo utilizado pelo autor no livro *Nordeste*, de 1937 (FREYRE, 1937).

[Para Freyre] a sociedade constituída em volta da grande propriedade monocultura e escravocrata se teria revelado, apesar das suas flagrantes falhas, a mais criadora entre todas as do Brasil, de valores políticos, estéticos e intelectuais [...]. (HOLANDA, 1979, p. 108).

Citando passagem do livro, aponta o equívoco de considerar as formas separadamente de seu conteúdo social, pois Gilberto Freyre aproxima a sociedade nordestina à civilização helênica, onde, apesar da escravidão, teriam se gestado valores políticos, intelectuais e estéticos superiores àqueles criados por civilizações “mais saudáveis”.

[as palavras de Freyre] de um livro confessadamente impressionista, ajudam, por isso mesmo, a desvelar o que vai, nas suas interpretações, de intenso calor afetivo, de amoroso e nostálgico enlevo pelo passado de sua região natal e ancestral, envolvendo, não raro, as noções puramente teóricas que parecem querer introduzir-se em obras declaradamente mais sóbrias [...]. (HOLANDA, 1979, p. 108).

Assim, mostra que a abordagem impressionista anularia a utilização do método histórico-cultural.

Pensar que por simples ato de presença e independentemente das condições materiais a que se acha ligado, o patriarcalismo nordestino pôde suscitar aqueles valores é apegar-se a concepções um tanto místicas, que em todo caso desafiam um escrutínio plausível. [...] A pujança econômica pode favorecer certos recursos materiais e certos hábitos de ociosidade em nada desfavoráveis ao tipo de cultura intelectual e trato político tão enaltecidos pelo autor.

Assim ocorreu sem dúvida, no Nordeste açucareiro como ocorreu em outras áreas do Brasil colonial e imperial favorecidas pela fortuna. Quem percorre a lista de estudantes brasileiros formados em Coimbra verificará, sem esforço, até que ponto isto é verdadeiro. (HOLANDA, 1979, p. 109).

Aponta o fato das estatísticas revelarem que o maior número de estudantes na Europa coincide com o *boom* econômico das diferentes regiões, o que colocaria por terra as afirmações de Gilberto Freyre, revelando a superioridade da análise documental que dá conta do funcionamento da estrutura econômico-social sobre uma consideração de caráter estritamente cultural. Mais ainda, se esta estiver apoiada em impressões e não em fatos.

B) O tipo ideal

Outro ponto onde aparecem senão as controvérsias os diferentes caminhos trilhados pelos dois autores é aquele que diz respeito à utilização da noção de tipo-ideal. Sergio Buarque de Holanda, ao explicar o sucesso do empreendimento colonial português, busca nos traços de sua conduta as razões que diferenciam esse colonizador dos outros conquistadores. Para tanto constrói tipos sociais contrapostos, analisando em pormenores as condutas dos indivíduos e atribuindo sentido às mesmas¹⁴. O par principal, articulador da análise, é aventureiro/trabalhador, que se desdobra em nomadismo/sedentarismo, semeador/ladrilhador. “Entre esses dois tipos não há, em verdade, tanto uma oposição absoluta como uma incompreensão radical.” (HOLANDA, 1956, p. 36).

Os tipos se opõem pelo modo de hierarquizar meios e fins, tempo e espaço, parte e todo (SALLUM JÚNIOR, 1999). A utilização da categoria, mesmo admitindo-se que o tipo não existe senão no mundo das idéias, serve a que o autor aponte as disposições de conduta presentes nos vários momentos de desenvolvimento da sociedade brasileira.

Gilberto Freyre constrói sua análise também por oposição de tipos, o que fica evidente nos títulos de seus livros: *Casa grande & senzala*, *Sobrados e mucambos*, *Ordem e progresso* (FREYRE, 1933, 1936, 1959). No entanto, quer demonstrar que mesmo aparentemente opostos, na sociedade brasileira os tipos interpenetram-se. O processo está figurado na expressão “antagonismos em equilíbrio” que se configura como eixo explicativo da sociedade brasileira. Falando a respeito diz:

O autor do livro que tomou o título de *Casa-grande & senzala* consagrou, nessa expressão, dando-lhe valor de símbolos, palavras já vivas na linguagem brasileira de quase todas as áreas do Brasil e não apenas das do açúcar. Acrescentou, porém, a esse uso de palavras descritivas, uma simbologia particularmente significativa pela sua riqueza de implicações ou projeções sociológicas. Fez de *Casa-grande* o símbolo de um status ou de toda uma posição – a de dominação – na ecologia social e mesmo na física daquele Brasil patriarcal; e de *senzala*, o símbolo de outro status e de outra posição na mesma ecologia: a de subordinação, a de submissão. E do & entre as duas realidades, o símbolo de uma interpenetração que concorreu fortemente, dinamicamente, interativamente, para dar à sociedade e à cultura desenvolvidas no Brasil suas formas mais características de desenvolvimento e não de apenas estabilidade. De

¹⁴ Pedro Meira Monteiro (1999), em seu livro sobre Sergio Buarque de Holanda, analisa de modo aprofundado a questão.

dinâmica democratizante como corretivo à estabelecida hierarquia. (FREYRE, 1968, p. 120)¹⁵.

Baseado nesses pontos afirma ter elaborado uma “teoria brasileira de interpretação de situações sócio-culturais e psico-social” de certo modo independente de influências teóricas correntes.

Insisto em que se deve considerar a aplicação dos critérios de interpretação sociológica da formação e do *ethos* brasileiros, representados pelos símbolos sociológicos Casa-grande & senzala, Sobrados e mucambos e Ordem e Progresso, sociologicamente, isto é, como se fossem novas expressões do conceito weberiano de ‘tipos ideais’. (FREYRE, 1968, p. 149, grifo do autor).

Em outras palavras, afirma que processando-se a oposição dominante-dominado em espaço tropical, ou semi-tropical, portanto diferente da situação prussiana, torna-se necessário adaptar-se a teoria à realidade onde o modelo não se realiza. É exatamente essa inversão dos tipos que explica a afirmação, que centraliza a narrativa de *Casa grande & senzala* (FREYRE, 1933), de ser o negro o verdadeiro civilizador da sociedade colonial, impondo seus costumes, sua forma de organização da vida, etc., ao próprio colonizador. Os tipos se invertem.

C) Os processos sociais

Nesse contraponto caberia ainda, indicar como cada um dos autores define os processos sociais fundamentais, que simultaneamente são ponto de partida de sua interpretação, mas acabam por se configurar, também, como consequência de sua análise.

Gilberto Freyre analisa os conflitos e suas soluções via processos sociais. Embora presentes em todas as sociedades, é a forma como uns assumem preponderância sobre os outros que conferiria as características de cada formação social. Aponta como equívoco considerar como dois processos diferenciados competição e conflito, quando o analista também separa a ordem social, à qual pertence o primeiro, da ordem política, com a qual se identifica o segundo. Indica a raiz do equívoco no fato dos sociólogos considerarem cooperação, competição, assimilação, acomodação, imitação, diferenciação, dominação, exploração, subordinação como mecanismos especiais separados do processo básico – o contato – e do geral – a interação. Assim, para ele, o centro da reflexão sociológica deverá

¹⁵ Note-se que quando Gilberto Freyre fala na terceira pessoa, indicando as intenções do autor do livro, refere-se a si próprio.

ser o estudo do contato e da interação, e isto só se torna possível a partir da análise das relações face-a-face. E a realização de tal tarefa exigiria a reconstituição das

[...] pequenas expressões de vivência e de convivência cotidiana: aquelas que só se surpreendem, considerando-se no passado de um grupo humano [...] o cotidiano doméstico, a higiene caseira, a culinária [...]. (FREYRE, 1968, p. 71).

Tal configuração definiria a empatia como forma de abordagem e o impressionismo como método, enfoque que, já vimos, é criticado por Sergio Buarque de Holanda.

Mas a questão reside na forma pela qual os dois intelectuais percebem o conflito. A posição do autor de *Raízes do Brasil* fica claramente expressa quando se refere aos princípios que fundam o Estado e suas instituições, os quais diferem daqueles que regem a família. Assim, coloca no centro da análise a idéia de conflito.

O conflito de Antígona e Creonte é de todas as épocas e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias. Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar profundamente a estrutura da sociedade. O estudo dessas crises constitui um dos temas fundamentais da história social. (HOLANDA, 1956, p. 200).

É essa separação, característica da sociedade moderna, que ordena as relações sociais. O trabalho, fundamental para o desenvolvimento da sociedade, tem uma natureza profundamente diversa quando comparamos o mundo antigo e o moderno. Neste, o conflito explicita-se claramente porque os interesses são perfeitamente discerníveis.

Foi o moderno sistema industrial que, separando os empregadores e empregados nos processos de manufatura e diferenciando cada vez mais suas funções, suprimiu a atmosfera de intimidade que reinava entre uns e outros e estimulou os antagonismos de classe. (HOLANDA, 1956, p. 200-201).

Assim, enquanto para Sergio Buarque de Holanda o conflito é constitutivo da sociedade moderna, para Gilberto Freyre representa uma anomalia, pelo menos se a tese for aplicada à sociedade brasileira onde esses antagonismos se resolvem através de equilíbrio garantido pelo perfil alcançado pela nossa formação.

Se como vimos, as posições dos dois autores inúmeras vezes se opõem, um ponto significativo os une: ambos percebem o país como um enigma a

ser decifrado. Se Gilberto Freyre vê no passado a chave de sua explicação, Sergio Buarque de Holanda formula uma pergunta para o futuro: será que o Brasil poderá constituir-se em uma sociedade moderna?

BASTOS, E. R. *Raízes do Brasil – Sobrados e mucambos: a dialogue. Perspectivas*, São Paulo, v.28, p. 19-36, jul./dez. 2005.

■ **ABSTRACT:** *The text aims to show some points of the dialogue between Sergio Buarque de Holanda and Gilberto Freyre, taking as reference their books published in 1936 – Raízes do Brasil and Sobrados e mucambos.*

■ **KEYWORDS:** *Sergio Buarque de Holanda. Gilberto Freyre. Brazilian thought. Patriarchalism. Patrimonialism.*

Referências

ANDRADE, A. de. *Aspectos da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Schmidt Ed., 1939.

_____. *Formação da sociologia brasileira I: os primeiros estudos sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941.

ARAÚJO, R. B. de. Sobrados e mucambos e Raízes do Brasil. In: MIRANDA, M. do C. T. de (Org.). *Que somos nós? 60 anos de Sobrados e mucambos*. Recife: FUNDAJ, Massangana, 2000. p. 35-46.

CANDIDO, A. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, S. B. de: *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 3-21.

FERREIRA, G. N. A formação nacional em Buarque, Freyre e Vianna. *Lua Nova*, São Paulo, n. 37, p. 229-247, 1996.

FREYRE, G. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

_____. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1968.

_____. *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da Monarquia para a República*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

_____. *Manifesto regionalista*. 4. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

_____. *Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937.

_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcho rural no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1936.

_____. _____. 2. ed. refundida pelo autor e acrescida de introd., 5 capítulos e de numerosas notas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951.

_____. _____. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1961.

_____. _____. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; 1981.

GOMES, A. de C. Dialética da tradição. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 2, n. 12, p. 15-27, 1988.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936. (Documentos Brasileiros, 1).

_____. _____. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948.

_____. _____. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

_____. *Cobra de vidro*. São Paulo: Perspectiva; 1978.

_____. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MELLO, E. C. de. Posfácio: Raízes do Brasil e depois. In: HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 189-193.

MONTEIRO, P.M. *A queda do aventureiro*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.

_____. Raízes rurais da família brasileira: um diálogo a partir de Raízes do Brasil e Sobrados e mucambos. In: MIRANDA, M. do C. T. (Org.). *Que somos nós? 60 anos de Sobrados e mucambos*. Recife: FUNDAJ, Massangana, 2000. p. 147-169.

PEREIRA, L. C. B. Seis interpretações sobre o Brasil. *DADOS: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 269-306, 1982.

PRADO JÚNIOR, C. *Evolução política do Brasil*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1933.

SALLUM JÚNIOR, B. Sergio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil. In: MOTA, L. D. (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Senac, 1999. p. 327-356.

THOMPSON, E. P. Eighteenth-Century English Society: class struggle without class? *Social History*, London, v. 3, n. 2, p. 133-165, may 1978.